

# A SEDE VAMPÍRICA E A CONSTRUÇÃO DO DESEJO

Cristina Fernandes Cattoi<sup>1</sup>

**Resumo:** Vestir a capa do vampiro da literatura e adentrar o seu mundo de monstro da profundidade. Eis a experiência que se ensaia! Sob a luz dos archotes, sem a pretensão de desvelar ou esclarecer alguma coisa, o que se interpõe entre a luz e a escuridão, é possível fazer tremular a imagem. Imprimir na superfície do horrível os traços de um desejo extenso e intenso. É possível deixar-se atravessar por ondas de sensação e ritmo, terror e crueldade, numa dança produzida por signos e linhas inconciliáveis, ora pontiagudas como caninos sedentos, ora invisíveis, evanescentes ou velozes, e permitir o que poderá vir a ser um mapa do desejo, não apenas do profano e da morte, mas, também, do sagrado e da vida.

**Palavras-chave:** Vampiro. Desejo. Devir.

**Abstract:** Put on the cloak of the vampire of literature and enter its world of monster of the depth. That is the experience that is rehearsed! Under the light of torches, without the pretension to revealing or clarifying anything, what interposes itself between light and darkness, can make the image wave. Imprinting on the surface of the horrible the traces of a long and intense desire. It is possible to let oneself be trespassed by waves of sensation and rhythm, terror and cruelty, in a dance produced by irreconcilable signs and lines, sometimes sharp as thirsty canines, sometimes invisible, evanescent or fast, and allow what can become a map of desire, not only of the profane and of death, but also of the sacred and life.

**Key Words:** Vampire. Desire. Becoming.

É estranho que a associação de desejo, religião e crueldade não tivesse atraído antes a atenção do homem para a íntima relação que existe entre eles e para a tendência que eles têm em comum (COSTA, 2002, Prólogo).

Se nos tornamos corpos caóticos, não codificados, cyber-zumbis frente à nova tecnologia, o que pode o vampiro, um velho e poderoso arquétipo, cruel e impassível, dizer sobre isso? Pode, talvez, falar de desejo puro, de produção e construção de desejo, de embates viscerais e vitais sacrificados a um deus inautêntico. Pode trazer das trevas uma vidência maldita que não garante o fim da vertigem, mas faz olhar para o abismo. Pode, enfim, propor a conjectura de que o desejo faz seus caminhos e encontra seu curso em nós e, ao mesmo tempo, a nossa revelia.

A palavra “desejo” é portadora de um mundo desconexo cujas imagens de luxúria, incesto e pecado intercalam-se com punição, prazer e celebração. Viver em

---

1 Bancária, formada em Ciências Contábeis pela UNIVATES, com especialização em Ensino de Filosofia e Educação na Contemporaneidade.

desejo é viver a danação da permanência em um tempo suspenso que tanto pode levar à paralisia como à velocidade vertiginosa. Para falar disso, nada melhor que o vampiro, um ser trazido das escrituras, belo, violento e imortal, que nos convida, sob forma de um corpo de paixão, a penetrar artérias pulsantes e a experimentar outros corpos.

Este ensaio apresenta o vampiro como um corpo da profundidade que borbulha até a superfície sob novos estatutos: de devoração à sombra da moral, de inveja no olhar voyeur, de vazio/abismo do espelho no mundo das imagens, de sede de viver. A sede do vampiro, no imaginário, no folclore, na literatura, é insaciável. É mortal para a vítima, mas representa a força de vida do predador, como em qualquer relação na natureza selvagem. Qual o sentido dessa sede, ou dessa fome do Outro, que nunca sacia?

“Vampiros tendem a se deixar levar por uma arrebatada veemência em suas relações com certas pessoas, bastante semelhante à paixão dos amantes (...). Em tais casos, parecem querer das vítimas simpatia e consentimento” (COSTA, 2002, p.116-117). O papel sedutor do vampiro nos remete a situações de grande sedução na natureza, em que o predador usa de artimanhas, de rituais, e do próprio corpo para atrair a presa. A aranha chamada de viúva-negra, a fêmea do louva-deus, a planta carnívora: todas estas espécies sobrevivem e se reproduzem por meio da sedução e da morte. O que significa afinal este fascínio pela monstruosidade e por todas as possibilidades que ela contém? Na figura do vampiro tateamos os limites do humano, as concepções do bem e do mal, da vida e da morte (já que para o vampiro, vida e morte confundem-se), da vida após a morte. Até que ponto desejamos a vida eterna, ou algum outro superpoder que a genética possa oferecer, já que os mitos nos falam milenarmente do preço a pagar? Vagar eternamente entre a monstruosidade e a humanidade, entre signos que se deslocam do divino ao profano, da moralidade à selvageria, do desejo ao horror, este é o preço que paga o demônio vampiro por medir forças com a poderosa natureza. O que pode um corpo? O que pode nosso corpo de vida cada vez mais longa, de imagem recortada e refeita por cirurgias plásticas, de próteses invisíveis e inconfessáveis como antigos pecados de luxúria?

Segundo algumas lendas antigas, da Índia e da China, pode-se deter um vampiro jogando um punhado de grãos no chão. Ele parará, e ficará numa espécie de transe contando os grãos. O que somos nós senão vampiros, presos em processos intermináveis, contando as vantagens e as desvantagens de consumir produtos, enumerando passos, etapas, mais processos dentro dos processos, autenticando listas, relatórios, pessoas. Alguma vez teriam sido jogados grãos na nossa frente, que nos fizeram prisioneiros na eternidade de um dia igual ao outro?

Ocorre às vezes – disse Marius – O bebedor de sangue fica fascinado. Lembro-

me de ter ouvido há séculos a história de uma bebedora de sangue numa terra do sul cuja única paixão era encontrar belas conchas ao longo da praia; e isso ela fazia a noite inteira, até quase amanhecer. É claro que caçava e bebia sangue, mas era só para voltar às conchas; e, uma vez que tivesse olhado para cada uma, ela a descartava e continuava a procurar. Ninguém conseguia afastá-la daquilo (RICE, 2002, p. 23).

A pressa e a velocidade do vampiro, sua sede e seu desejo detidos por grãos ou conchas, coisas que se repetem, coisas que solicitam apenas o ato automático de catar e jogar fora, eternamente. Não a lentidão do aprendizado, ou a busca eterna daquilo que falta... mas a busca de um padrão aprisionador, modulador, uma falta alojada artificialmente que controla e envenena a produção do desejo.

O arquétipo vampiro não tem um pai e uma mãe. E nunca retorna a nenhum deles. Vive no meio dos humanos, mas foge ao padrão humano. É estéril, mas reproduz-se. É imortal, mas determinados elementos o ferem ou destroem. Como se fugisse sempre da forma humana, apesar de não deixar de tê-la.

O lugar assinalado e ocupado pelo vampiro ocidental é o de um monstro sugador de sangue e devorador de órgãos. Um corpo que suga e devora signos, e nos aterroriza com a possibilidade de não mais poder “significar” o próprio corpo para além da forma vampiro. Que forma é esta capaz de tomar outros corpos e drená-los de toda a sua subjetividade? Talvez seja uma nova forma do sujeito social, cultural, que, abandonando o jogo dos papéis instituídos, deixa-se seduzir pela multiplicidade dos corpos e dos signos, pela diversidade dos desejos de uma vida sem controle e sem lugares tão pré-determinados.

O mito vampiro, para além da natureza predatória, traz uma espécie de espírito voyeur, que tem pela vítima adoração e desejo. Sem imagem para adorar ao espelho, ele volta-se para a vítima, e faz dela o objeto do desejo e da morte. Não demonstra uma necessidade de agredir e tampouco é um caso de maldade psicológica: consiste mais em um momento de escolher sua presa, uma preferência por uma vítima escolhida com uma espécie de amor, em vez de aplicar a mesma lei a qualquer ser vivo que contenha o sangue necessário à sobrevivência. Longe de tratar-se de um predador cuja alimentação dependa de determinada caça, o vampiro traz o componente humano do desejo, da escolha, do livre-arbítrio, mas não traz o componente moral da culpa. Livre da culpa moral e da possibilidade de “olhar-se no espelho”, o vampiro torna-se sobre-humano, ou intra-humano, algo que escapa à sociedade, à moral, aos costumes, para ver possível todo o desejo e toda a inveja do Outro. Em francês, “envie” é uma palavra usada tanto para desejo como para inveja.

Ainda pensando no mito vampiro, entramos na noção de “corpo sem órgãos”, conceito criado por Artaud e aproveitado por Deleuze e Guattari (2004, p.13). Um

corpo de afetos, intenso, anarquista no sentido de não submeter-se à lei orgânica. Ao contrário da lei: um corpo atravessado por uma poderosa vitalidade nãoorgânica, e repleto de polos, zonas e limiares.

Quando a humanidade criou o mito vampiro, há pelo menos quatro mil anos, criou para si um corpo sem órgãos, um corpo que não obedece à lei, que seduz e assassina criancinhas, donzelas, homens. Com isso, inventou um meio de escapar ao juízo da lei e atribuir a um espírito maligno seus desejos insaciáveis, não permitidos. Não é por acaso que o vampiro só acorda à noite: a escuridão da noite oculta aquilo que não pode ser “dito às claras”, aquilo que não pode ser representado à luz do dia, aquilo que fica adormecido enquanto o sol faz funcionar a sociedade da lei.

“Todo o corpo escapa pela boca que grita (...) o corpo escapa como que por uma artéria” (DELEUZE, 2007, p.35). É possível comparar a força e o desejo no vampiro a um combate, uma força de luta e sobrevivência sobre o Outro? Ou ainda uma força animal que faz fugir aquele de quem teme tornar-se presa?

Combate contra a noiva, cujas inquietantes forças carnívoras trata-se de repelir, mas é igualmente um combate entre as forças do noivo e forças animais que ele associa a si para melhor fugir (...) Forças também vampíricas que ele vai utilizar a fim de sugar o sangue da mulher antes que ela o devore. Todas essas associações de forças constituindo devires, um devir-animal, um devir-vampiro, talvez até um devir-mulher, que só se pode obter por meio do combate (DELEUZE, 1997, p.150).

Uma luta na qual nem sempre identificamos o inimigo, golpes contra o Outro e contra Si, entre Si. Forças que se apoderam de outras forças, ou da força do Outro, formando um novo devir a partir dos agenciamentos, dos engendramentos. Não se produz um devir sem combate, sem estar disposto a perdas e danos, sem a possibilidade de tornar-se marginal, espírito maligno, sem tornar-se vampiro em plena luz do dia e suportar que o sol queime as coisas da lei e da moral.

Para Artaud, conforme Deleuze (1997), o combate é contra Deus, o ladrão, o falsário. O devir produzido pelo combate, contra e entre Si, é que vai produzir forças e tornar o combatente alguém capaz de lutar contra seu inimigo. Não se fala aqui do combate na guerra. Ao contrário: o combate é vitalidade, é não orgânico, é a força produzindo mais força. Artaud, segundo Deleuze (1997), fala do querer-viver cabeçudo dos bebês, do querer indomável dos adolescentes e dos loucos, da potência criativa dos artistas. “Ninguém se desenvolve por juízo, mas por combate que não implica juízo algum” (DELEUZE, 1997, p. 152).

Dentro deste centro de forças e metamorfoses que o combate libera e potencializa, encontramos uma força delicada e poderosa, imanente ao humano, chamada por Deleuze de, simplesmente, “sensação”. A sensação é o contrário do fácil e do lugar-

comum, do clichê, mas também não está ligada ao “sensacional”. A sensação pode ser aquilo que liga o sujeito e o objeto, mas ela está nos dois, ela é as duas coisas, ela existe a partir do encontro. Portanto, a experimentação desta força chamada sensação implica em fazer parte de um mesmo corpo: um corpo, ou um órgão que provoca e recebe a sensação, simultaneamente. Órgãos transitórios formam-se a partir das sensações: na histeria, o corpo escapa pela boca, ventre, garganta. Sob a ação das forças da sensação, a boca vira ventre ou outra coisa. É o corpo que escapa do organismo (ou da organização). A metamorfose do humano em vampiro se dá pela sensação, pela sedução, e a sua busca de retorno ao humano se dá pelo terror ao inumano: é muito frágil a linha que separa a atração e a repulsão, o desejo e o terror. Esta sensação de que nos fala Deleuze só é possível pelo combate, experimentando e entrando naquilo de que fujo e, ao mesmo tempo, procuro.

“Vestida, a Figura de Bacon se vê nua no espelho ou na tela” (DELEUZE, 2007, p. 56). Ainda pensando nas forças da metamorfose vampiro-homem, podemos pensar para além da Figura, uma imagem não figurativa, não representativa, e que puramente produz em nós o movimento de forças. Falamos especialmente das forças que desconhecemos: a incrível potência que descarregamos diante de uma obra de arte, por exemplo, a qual Deleuze chama “Ritmo”. Uma potência vital, que vibra e atravessa a carne e os ossos, e que nos faz lembrar de coisas que nunca vimos, nunca ouvimos. O mito da Sereia, ou da Iara, fala-nos deste “canto” que não é ouvido, mas que, ao mesmo tempo, é “encantamento”, porque nos fala direto à sensação. Uma voz que está dentro e fora e que, por isso, é enfeitiçadora. De alguma forma, vampirizamos a obra do artista e, ao invés de exauri-la, nós a deixamos intacta e viva como antes. Ou é o artista que nos absorve, suga, e nos devolve não exangues, mas plenos e potencializados, para o mundo. “Com efeito, só podemos buscar a unidade do ritmo onde o próprio ritmo mergulha no caos, na noite, e onde as diferenças de nível são sempre misturadas com violência” (DELEUZE, 2007, p. 51).

Para Artaud, segundo nos diz Deleuze (2007), o rosto humano não tem uma face ou uma identidade. O humano não é representável com apenas um signo ou figura. A representação é uma forma de aprisionar a vida humana, defini-la por um conceito de normalidade e excluir partes da humanidade por meio de um conceito de aberração ou demônio. Criamos o monstro vampiro, entre outros, para que possamos dizer o que não é humano, o que não é normal. O vampiro é a forma-demônio, demian (do grego, significa espírito). Ele tem um corpo, mas os órgãos estão mortos, não têm serventia. Existem órgãos, mas não existe organismo. Pelos caninos, pela boca é que surge, ou escapa, a forma animal, e o que lhe dá vida é apenas fluxo, jorro, luta e combate. Segundo as lendas, o vampiro é o humano que escapou do controle dos rituais fúnebres, das proibições contra o suicídio ou, simplesmente, o humano cujo corpo morto foi tocado por um gato. A arte gótica bem representa

aquilo que está além do orgânico: não apenas as gárgulas e os seres fabulosos com suas línguas estrangeiras, mas as linhas que mudam constantemente de direção, as marcas livres, a geometria vital. A arte a serviço da espiritualidade do corpo, das forças elementares, animais, e longe do eterno e da essência.

O que é a sede vampírica senão o desejo obstinado de manter-se vivo? Desejo do outro, da seiva, do sangue, do fluxo da vida? Sob um corpo orgânico, a força do desejo e a produção do mito vampiro para explicar a violência, a inveja, a selvageria, o desejo de morte, a barbárie. Um mito que dê conta de tudo que escapa do conceito de humano e que, não se falando propriamente de um animal, fica no limiar, na borda. Fica “entre”: entre animal e homem, entre anjo e demônio, entre si mesmo.

O vampiro recém-criado percebe outras velocidades, outros sons. O faro é apurado, especialmente para o sangue. Não é preciso formular as palavras: entre vampiros, a comunicação acontece telepaticamente. Tantas novas possibilidades, poderes, potenciais, e tantas novas condenações. Para o jovem vampiro (jovem na lei do sangue, jovem na imortalidade), inicia-se o tempo da maldição.

O vampiro do folclore possui uma natureza privilegiada que respeita limites: força descomunal e, no entanto, morte imediata diante do sol. Movimenta-se rápido, a ponto de tornar-se invisível. Percebe intenções pelo cheiro. Está extremamente apto à sobrevivência apesar da ameaça do sol que pode desintegrá-lo em segundos. Se, num primeiro momento, cego e confuso diante do mundo sutil que entrevê, será depois tomado pela experiência e a urgência de vida que o colocarão no acomodamento dos sentidos, no turbilhão de sensações. Olhos que veem cores nunca vistas, ouvidos que percebem ritmos, respostas às perguntas que jamais foram formuladas. É o novo que explode sempre inédito, desviando do olhar e tornando-se outro. Extremamente outro: o mundo vampírico das sensações.

A violência do encontro das duas naturezas (homem/animal ou homem/demônio) produz o mito vampiro como forma de preservar o que chamamos humanidade. Duas máquinas desejanter que, unidas, fazem parte de apenas um único processo. O desejo deleuziano nada tem a ver com o desejo psicanalítico. Para Freud (ano), o desejo é, em última análise, o desejo de pai-mãe, que nunca será satisfeito (DELEUZE e GUATTARI, 2004). Para Deleuze, desejo é produção, e este processo não tem um fim em si mesmo: o desejo corre, faz correr e corta. O processo como fim é a doença, a paralisia, o autismo: é a ausência de cortes, conexões. Sempre que o desejo encerra ou fragmenta é no sentido de partir para um novo produzir. Em cada fragmento está o germe da nova produção. O desejo deleuziano está muito mais para a sede vampírica e para a metamorfose homem/mito-demônio do que para o teatro grego de Édipo-Rei.

Lentamente, ao vampiro recém-nascido vem a percepção da morte orgânica. Em troca de uma forma de existência imortal e superior à humana, um corpo vazio. Em troca de sentir bater o coração, suar a pele, dores, doenças, um espaço vazio onde o corpo não se faz ouvir. Silêncio. O corpo e as coisas do corpo não são mais o centro do universo, e a imagem do corpo também se perdeu: nunca mais ver-se no espelho ou em qualquer superfície espelhada. Que significa “exterior” sem imagem? Perderam-se junto as caretas, os sorrisos, o olhar. Que é o “olhar” sem imagem? Em frente ao espelho, o vazio sem imagem. Ou talvez a visão de uma parede ao fundo, um sofá, um quadro, mas, para todo o sempre, não haverá visão de si mesmo. Visão construída desde criança, modificada pelo tempo, ditada pelos pais, professores, amigos. Imagem esta também um corpo vazio preenchido sistematicamente no decorrer dos anos. Arrancado do jovem vampiro o poder de ver-se, foi-lhe tirada a imagem de si, mas não a construção de si. Arrancadas as vísceras, mas não as sensações da carne. Usurpado o mundo humano, mas não a existência. Se há sensação, há vida.

Foi-lhe dado sentir a calma de nutrir-se de outros corpos, apossando-se assim de suas imagens e de suas vozes. Sempre reconstruir, a cada ataque, a imagem de si no olhar do outro (da vítima): apaixonado, seduzido, entregue, quase humano. Depois, saciado, escutar o fluxo, o ritmo do Outro fazer bater um coração vazio, inerte, e celebrar a vida. Recolher as sensações, mansamente, e refazer uma imagem de si antes do sol nascer. Vidas emprestadas que lhe darão vida. Vidas roubadas e transformadas, com o toque do desejo e da paixão, escolhidas intuitivamente pelas coisas invisíveis que contêm... Coisas indeterminadas, fugidias, que estão além da lei dos corpos: escapam da morte, elas também, e continuam no corpo do vampiro.

O corpo do vampiro está morto: não se modificará, não ficará mais gordo, mais velho. Sua imagem é como um quadro, um corpo de pintura, onde os traços, as linhas e a forma eternizam um único momento.

No fluxo do sangue do desejo maquínico do vampiro/homem está a produção do vampiro/homem e seu desejo de vida. Preso no mito, o vampiro é objeto parcial do humano. Livre do mito, ele ameaça a integridade daquilo que nomeamos humano e liberta um corpo sofrido, capturado e amarrado à organização moral e religiosa. A não determinação das linhas que separam o homem do vampiro é necessária para o questionamento da nossa própria vida e para que sejam propostas novas formas de vida e de viver, de morte e de morrer.

Antonin Artaud, conforme [Deleuze e Guattari \(2004, p.13\)](#) chamou o instinto de morte de “corpo pleno sem órgãos”: um corpo estéril e inconsumível, eternamente reintroduzido na produção desejante. Dentro de toda a produção desejante está o desejo de morte, que toma muitas formas em função das ligações e dos pontos de conflito. Não está separado do corpo nem do desejo: faz parte do processo desejante e



precisa ser reconhecido como desejo. Caso contrário torna-se algo que está fora, sofre o peso da moral e do juízo, e torna o homem perseguidor de si próprio. Ou bem pior: torna-se ele, o corpo sem órgãos, o arquivo de nossas forças produtivas, mas apenas um arquivo e não mais uma força. Inscrevemos nele apenas o que é determinado inscrever, e o tornamos uma representação do humano, submetido apenas às leis das representações, dos arquivos, das velhas inscrições. Então nos tornamos velhos papiros amarelados, guardados na Biblioteca de Alexandria, destinados à destruição pelo fogo.

Nosso íntimo, nosso ser profundo ou nosso ser-no-mundo, não faz contratos, pactos ou acoplamentos sem luta. Luta e dor. Nossas relações desprendem fios afiados que, quando se ligam, também cortam e ferem. Forças que lutam e conjugam outras forças e que, quando se acoplam é por meio de combate. Nossa sociedade civilizada e organizada nunca foi nem civilizada nem organizada. Se fosse, não haveria criação, diversidade, a beleza que há.

Numa sociedade de controle como a nossa, a padronização ganha espaço e força vencendo aparentemente a maioria dos combates. Apanhados em jogos de computador, mitos como o do vampiro tornam-se imagens plastificadas, controladas e regradas pelo jogo, com utilidade também superficial e controlada. Meros clichês. Não se fala aqui de perder a alma, de ser controlado e possuído por um jogo, mas de não ter nenhuma existência. Nenhuma existência num corpo que já não tem serventia. O jogo falará por mim, utilizará minha voz e meus gestos de luta ou dança, agirá em meu lugar e eu nada serei senão um simulacro da personagem que vence ou perde. Como reconhecer a própria voz, a voz do comando e do desejo?

A propósito de um jogo ideal, sem vencedores nem perdedores, sem captura ou despersonalização, Deleuze diz:

O jogo ideal de que falamos não pode ser realizado por um homem ou por um deus (...). É pois o jogo reservado ao pensamento e à arte, lá onde não há mais vitória para aqueles que souberam jogar (...). Este jogo (...) é também aquilo pelo que o pensamento e a arte são reais e perturbam a realidade, a moralidade e a economia do mundo (DELEUZE, 1998, p.63).

Pouco se pode deixar ser apanhado pela vertigem e pela experimentação de nós mesmos. Pouco se consegue desestabilizar do conceito de humano construído sobre o sistema binário e limitado do computador. Difícil recriar com todas as forças da diversidade, latentes ou não, novas formas pulsantes, irracionais, contraditórias de ser e estar no mundo. Novas metamorfoses, novos devires: o Outro tomando forma no intervalo entre o medo e a atração, possibilitando “outrar-se” (termo de Deleuze) indefinidamente entre o humano e o divino, o mortal e o imortal, o sujeito



e o animal. Capturados pelo jogo ou pelo cinema dos efeitos especiais, belos e tecnicamente primorosos, estamos novamente como vampiros diante da tentação de contar os grãos, até o fim dos tempos.

Aceleração e velocidade passam a ter função de paralisia e o desejo é prisioneiro de um tempo eternizado, sem espaço para criar.

“Se o mundo se tornou um cinema ruim, no qual já não cremos, um verdadeiro cinema não poderia contribuir para nos restituir razões de crer no mundo e nos corpos desfalecidos? O preço a pagar, tanto no cinema quanto noutra parte, sempre foi um afrontamento com a loucura.” (PELBART, 1998, p.25)

O jogo e o cinema podem funcionar para nós como o espelho para Narciso: não vemos o vampiro porque ele escapa, foge da imagem. O vampiro não precisa do espelho para eternizar a imagem: para ele, o tempo não faz a menor diferença. A função espelho não os pode aprisionar e esta natureza de não imagem o coloca em um não lugar. Pensamos em algo que não está, que não produz imagem no espelho, e esse vagar do pensamento nos traz de volta ao nosso próprio corpo ou imagem. É neste ir e vir que está o lugar de pensar. Enquanto apenas apreciamos nossa própria imagem no espelho, somos Narcisos petrificados. Então o que veremos é o belo-estético-padrão da cultura ocidental, construído pelo padrão moral ocidental. “Drácula contra Narciso. Drácula contra Édipo” (TUCHERMAN, 2004, p.18).

Vampiros não se ferem. Ou melhor, suas feridas não produzem cicatrizes. Se o efeito não manifesto da dor e da ferida, do corte, desaparece e anula a ação de ser cortado, o que sobra? O vampiro apenas como devir, devir puro, onde as coisas subterrâneas, ou subcutâneas, não são manifestas e não se tornam acontecimento. Nada produzem no real, não criam superfície, textura, dobra. Desaparecem e reaparecem a cada novo corte. São alucinação e, ainda assim, criam imagens flutuantes: a dor, o sangue, a carne cortada.

Mas naquele instante, surgiu o golpe rápido do facão de Jonathan. Gritei ao vê-lo cortar o pescoço do Vampiro, enquanto no mesmo segundo a lâmina do Sr. Morris mergulhava no coração do Não-Morto. (...) Durante toda a minha vida lembrarei com satisfação aquele momento de dissolução final, pois, naquele instante, houve uma expressão de paz no rosto do Conde... (STOKER, 2003, p. 433).

Devir puro e ilimitado, sem cortes, seria insuportável. Imortalidade, eternidade são da ordem do intolerável. O coração atingido, perfurado, e a cabeça separada do corpo, isso sim é suportável.

Ser demoníaco que espreita na fronteira do homem, nos limites entre homem, animal e demônio. Semideus. Um traço de humanidade e, ainda sim, não é possível

saber que traço é este. Ferocidade é demoníaca ou é humana, ou ainda animal? Fronteira tripla onde o mito vampiro está posto, dito, mitificado, contado e recontado. Diz-se do demônio que é extremamente cruel: será possível continuar a afirmar o mesmo após a bomba de Hiroshima? O massacre dos judeus na II Guerra? Pedofilia? Estupro? Violência doméstica?

É preciso dizer: fronteiras não são definições absolutas. Fronteiras dão falsas ideias de controle e contenção quando não passam do sonho de alguém ou da alucinação de um louco. Vistas de perto, não existem realmente. Fronteiras-fantasma, no limite entre os mundos. Espaço vazio de quem olha duplamente, sem ver realmente: olha para a vítima que olha o monstro e lhe devolve o próprio olhar. Olhar que vê e olhar que rouba o que o outro vê, “não um olho do corpo organismo (utilitarismo), mas um olho do corpo do corpo sem órgãos, olho histérico, olho de pintor, um olho que vê visões” (LINS, 2007, Apresentação)

O vampiro olha sem vida para o espelho, para a imagem que não está lá. Mas ele está lá em frente ao espelho, ignorado por sua própria imagem não refletida. Um olhar sem imagem que devolva o olhar. Então ele busca, incessantemente, o olhar das vítimas: um vampiro nunca ataca pelas costas e sempre é desejado, atraído. Um vampiro nunca invade uma casa sem ser convidado.

– A senhora deseja isso? É sincera em seu convite?

– Com certeza, pois do contrário o senhor não virá – respondeu, com poucas palavras, a jovem.

– Muito bem, então, eu irei! – disse o outro, novamente com o olhar fixo nela – Se minha companhia não a agradar em algum momento, a senhora será a responsável por manter relações com alguém que raramente impõe sua presença, mas de quem é difícil de se livrar (COSTA, 2002, p.26).

Monstro inconcebível que suga até a morte o sangue das vítimas. Não uma fera esfomeada, acuada, mas um ser humano/demônio/animal, com gestos sensuais e olhar hipnótico. Sem habitat, escondido em cemitérios que fazem a fronteira dos mortos e dos vivos. Ser eterno, solitário, inescrupuloso, mas também desejado, buscado, respeitado como a um inimigo a quem não subestimamos. O vampiro vagueia, flutua entre cruzeiros e igrejas, crentes apavorados, crianças desprotegidas, jovens moças e rapazes despreocupados, e faz valer a lei da moral em contrapartida a toda sua imoralidade.

Toda a transparência traz imediatamente a questão do seu contrário: o segredo. É uma alternativa que não depende em nada da moral, do bem e do mal: há o secreto e o profano, o que é uma outra divisão das coisas. No momento em que tudo tende

a passar para o lado visível, como se dá em nosso universo, o que acontece com as coisas que antes eram secretas? Elas se tornam ocultas, clandestinas, maléficas. E esta zona de segredo, conclui ele, como não pode ser destruída, vai ser então, satanizada (COSTA, 2002, Prólogo).

Ser noturno quase invisível, que atravessa um mundo e outro na manutenção do jogo mitológico do medo. Porém, mais do que isso, atraindo e falando do desejo de morte. Sexo e morte. Demônio que toma emprestado o desejo do outro que ele, morto-vivo, já não pode consumir e busca a imagem de si naqueles que o cercam, com suas vozes, seus temores, suas canções. Toda a busca de si é a busca dos objetos. “Eu te amo porque tu estás viva.” Diz o vampiro Lestat para sua amada no filme “A Rainha dos Condenados”, do livro de mesmo nome da escritora Anne Rice.

O mundo dos demônios-vampiros não pertence às nossas lembranças do mundo humano, mas está inscrito nele como um mundo tão possível quanto verdadeiro, com leis coerentes repetidas pelas muitas culturas. O mundo dos vampiros está em uma fenda, como uma boca de caninos longos, mas perfeitamente acoplada ao corpo do mundo. O vazio do mundo do mito sem imagem num encontro permanente com o mundo das imagens, como uma interrogação. Dionísio interpelando Apolo. Diferentes leis para dois seres ou apenas um ser de duas faces, para o qual se olha sem realmente saber para quem se está olhando? Olhar o vampiro e ver o Narciso, afogado em sedução. Olhar o Narciso e ver o vampiro sugando a aprovação e o desejo de Outro.

O homem pode tornar-se vampiro, mas o vampiro jamais retornará a ser humano. O vampiro é o espaço sem vida que pode ser ocupado pelo homem. O homem pode devir vampiro, mas o mito jamais devirá homem. É da natureza dos demônios que a condenação seja eterna e é dado aos homens que a absolvição seja sempre possível. Um vampiro não se nutrirá de outro porque aquilo que exige sua existência é de natureza humana.

À sua aproximação, os espectros vagando aqui e ali voltam em bando para seus cemitérios; todos os espíritos danados, que têm sua sepultura nas encruzilhadas e nas ondas, já retornaram a seus leitos suspeitos. Pois, por temor de que o dia luza sobre suas faltas, exilam-se voluntariamente da luz e estão para sempre unidos à noite de frente negra (SHAKESPEARE apud DELUMEAU, 1989, p. 100).

As faltas geram culpas, as culpas demandam punição e o medo fabrica um corpo, um corpo de vampiro, cruel e perverso, que alimenta o espírito do homem. O vampiro alimenta-se de sangue... e a humanidade, de horror, medo e prazer. As três sensações juntas formam o corpo do vampiro que não é humano nem divino nem animal e de onde é possível falar em morte, sexo, desejo sem macular nenhum homem e nenhum deus.

O mito vampiro é um antídoto para o medo ancestral daquilo que não se pode controlar e mal se consegue apreender: a noite, o invisível, a morte, o crime, a sexualidade. Para o homem comum, veneno é o seu próprio deus inatingível, infalível e com moral inquestionável, pesando como ferro sobre seus desejos de barbárie.

Podemos, então, dizer: o desejo marcado pela sede de sangue é o desejo humano de viver a qualquer custo. É o desejo como máquina de gerar mais desejo. Desejo de vida que, acoplado ao Outro, produz diferença e metamorfose. Reproduz-se a partir do fluxo, do jorro absorvido, mas também da morte, em si e no Outro. Um vampiro sempre produzirá outro. É também o desejo de poder perpetuar-se indefinidamente como força, possibilidade de ser: quebrando protocolos, fugindo dos rituais religiosos, devindo homem-animal, homem-demônio, nunca completamente humano e, tampouco, animal ou demônio. O mito sobrevive às Cruzadas, à caça às bruxas da Inquisição, aos “Tempos Modernos” de Charles Chaplin, à maravilhosa nova tecnologia. Puro desejo sem imagem, vida sem vida ou sem órgãos que deem certificado de vida, o mito nos fala de uma inquietação que não nos deixará, e que nos faz retornar a ele sempre de novo para nunca encontrar. Nunca totalmente, e nem de uma vez por todas.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Flávio Moreira da. **13 dos melhores contos de vampiros da literatura universal**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. ① ② ③ ④

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon - A lógica das sensações**. São Paulo: Jorge Zahar Ed., 2007. ① ② ③ ④

\_\_\_\_\_. **Lógica do sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. ①

\_\_\_\_\_. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997. ① ② ③

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo – capitalismo e esquizofrenia 1**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. ① ② ③

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente – 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. ①

LINS, Daniel, (Org). **Nietzsche, Deleuze – imagem literatura educação**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007. ①

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 1998. ①

RICE, Anne. **Sangue e ouro** – as crônicas vampirescas. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002. ①

STOKER, Bram. **Drácula** – O vampiro da noite. São Paulo: Martin Claret, 2003. ①

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e seus monstros**. Lisboa: Nova Vega, 2004. ①